

Geral

SAMORA MACHEL AOS MOÇAMBICANOS:

REBELEÇÃO ÀS REGRAS DO Povo QUEM FEZ A GUERRA

L. MARQUES, 5 (Por Eduardo Rebelo, especial para o «DL»). Samora Machel prossegue as visitas de agitação com contatos militares de Lorenzo Marques, agora quartéis das Forças Populares de Libertação de Moçambique e de algumas companhias do exército regular do país. Ontem, foram visitadas a Base Aérea da capital, o quartel da Maratona Militar, o segundo batalhão das F.P.L.M. e o Comando G-6 que recém-formado corpo de polícia.

APROVADOS

OS NOVOS ESTATUTOS

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 29-27 - Tel. 574073

1. Os trabalhadores do Sindicato do Comércio do Distrito de Lisboa aprovaram no dia 2 os novos estatutos para o seu Sindicato. A comparticipação massiva nas duas grandes sessões da Assembleia extraordinária demonstrou a sua elevada consciência sindical, no momento em que o reforço dos Sindicatos é essencial para o cumprimento da grande tarefa histórica do povo português: a construção do socialismo.

«A quem não pense assim, e se esforçar por afastar os trabalhadores deste objectivo central, os provocadores que na voz do Operário tentaram impedir os trabalhadores de assinarem a lista de presenças e que nessa sala destruíram material no valor de vinte e quatro mil escudos devem ser denunciados como inimigos do movimento sindical. Os reacçãoários declaramos. Também na sessão realizada no Centro, esse grupo repetiu a actividade de boicote sistemático à assembleia, tentando de novo impedir os trabalhadores de discutir e resolver os seus problemas. Todavia, foram uma vez mais derrotados, e nenhuma força privou a assembleia da possibilidade de exprimir democraticamente a sua vontade. O projecto de estatutos A, já anteriormente aprovado na generalidade, converteu-se nos Estatutos do nosso Sindicato, os Estatutos da unidade dos trabalhadores.

2. Mais uma vez, houve trabalhadores que foram manipulados por esse grupo de provocadores, que na sua actividade de calúnia ao Sindicato, espalharam as maiores mentiras. Assim, dizem que o Sindicato e contra os vendedores, que lhes quer tirar as comissões, etc. Desta forma, esforçam-se por arranjir uma «maioria» inexistente, formando uma «santa aliança» cujo único princípio é enganar e destruir, por dentro. Um exemplo dos trabalhadores da J. B. Fernandes é apenas um dos muitos a demonstrar que uma grande parte dos vendedores não se deixa arrastar por esses demagogos. Os vendedores desta empresa, reduziram alguns centos os seus salários de trinta para dezasseis contos; de modo a permitir a elevação dos salários mais baixos e estiveram na frente da Assembleia, empenhados em não permitir as arcaucas ocultas na voz do Operário. Estes trabalhadores têm dado um belo exemplo de como não há oposição de interesses entre os vendedores e os demais trabalhadores do comércio; apenas o patronato e os seus seguidores estão interessados em criar a divisão, para melhor explorar.

3. Os acontecimentos recentes a nível nacional (fuga dos «pides», anomalias nos sectores de comunicação e transporte, Congresso da Indústria promovido pela C. I. P.) enquadra-se numa grande ofensiva destinada a travar a libertação do povo português, com o abandono das conquistas já alcançadas. Nessa ofensiva, o «assalto» verificado em alguns sindicatos sobretudo de serviços, desempenha um papel importante: derrotada a tentativa de aproveitamento do chamado pluralismo sindical na lei, assiste-se agora a novas sindicatos a um desenvolvimento descarado da discussão dos estatutos por forças reacçãoárias visando dividir os trabalhadores. O chamado «direito de tendência» mais não é senão a introdução de uma nova ofensiva de divisão. Onde estiveram até agora estes arruaceiros, hoje tão interessados no movimento sindical? Porquê ou para que aparecem?

«Nos duros anos do fascismo, no período difícil da luta pela defesa dos trabalhadores, este Sindicato nunca concitou com as reacções de Abreu, nem com as de Almeida, e agora ninguém os viu no trabalho sindical. Onde estavam no 28 de Setembro e no 11 de Março? E de pégarunt, que pretendiam, a quem servem?»

4. A luta dos trabalhadores é árdua e difícil, mas conduzirá inevitavelmente à construção de uma sociedade liberta da exploração do homem pelo homem. Nessa luta, os trabalhadores enfrentam inimigos numerosos, que se escondem sob as mais variadas capas «democráticas» mas com objectivo claro: dividir os trabalhadores, desmobilizá-los e afastá-los das suas tarefas prioritárias.

O combate a esses oportunistas faz parte da própria luta diária contra a exploração; porém, há que saber distinguir entre os provocadores e arruaceiros daqueles outros que engarandos pela demagogia, possuem menos correctas. Aos primeiros, há que dar um combate sem tréguas; aos segundos, há que esclarecê-los, mostrando-lhes o logro de que são vítimas e apontando-lhes o caminho da unidade.

«Neste momento em que as forças estranhas nos tentam dividir, nós, trabalhadores do comércio temos a grande responsabilidade de não permitir que fiquemos divididos e sobreponhamos à nossa luta diária. Reforcemos o movimento sindical, desmascarando os oportunistas e defendendo o nosso Sindicato das manobras da reacção!»

So assim.

UNIDOS, ORGANIZADOS E VIGILANTES. VENCEREMOS!

Lisboa, 4/17/75

A COMISSÃO DIRECTIVA

po de polícia, bem como pequenos destacamentos treinados ao longo do período de transição para a independência por oficiais portugueses e, no caso dos para-quadristas que efectuaram os primeiros actos de poder antes do vinte e cinco de Junho.

«Não existem galões porque quem fez a guerra foi o povo», disse ainda Samora Machel na sua intervenção acrescentando que «temos de dar os galões ao povo e o maior galão é a independência nacional, o desenvolvimento económico e a liquidação da miséria e da fome no nosso país».

CENTRO DE RECUPERAÇÃO DE DIMINUIDOS FÍSICOS

Na sociedade que pretendemos construir não há lugar pa-

VASCO GONÇALVES A PARTIDA DESCOMUNIZAR É ESTABELECEER RELAÇÕES FRATERNAS EXEMPLARES

«É isto que faz essa ligação íntima que existe entre nós e os povos dos antigos territórios de expressão portuguesa, estes homens, que foram preparados em Portugal, que viveram sob o domínio português, que fizeram parte dos movimentos democráticos, ao fim e ao cabo os movimentos de libertação. Angola, Guiné e Cabo Verde, e de Moçambique, estão nos proclamando e nos dirigindo, através dos seus dirigentes, para que os seus direitos, que foi daqui que eles se lançaram na conquista da liberdade, sua terra».

Interrogado sobre a possibilidade futura de uma ajuda por parte de Portugal a Cabo Verde, dada a sua situação crítica, o Primeiro-Ministro declarou:

«CUMPRIR O NOSSO DEVER HISTÓRICO»

Referindo-se depois à presença no aeroporto do dr. Vasco Cabral, ministro das Relações Exteriores do Guiné, Vasco Gonçalves lembrou em seguida que este fora seu companheiro de escola e de guerra, um dos elementos portugueses como de guinéu. E a propósito sublinhou:

CABO VERDE

Condução de sua 1. a de notável para um organismo tão complexo. Num análise de carácter político, incontestável realismo, o alto-comissário afirmou que a tarefa dos futuros governantes não vai ser fácil, principalmente se a seca se prolongar. Depois, para terminar o exame dos futuros governantes não vai ser fácil, principalmente se a seca se prolongar. Depois, para terminar o exame dos futuros governantes não vai ser fácil, principalmente se a seca se prolongar.

«Cabo Verde terá dias difíceis. No entanto, tudo isso é o preço da independência e da libertação de um regime colonialista que ficaram sem nome da História por terem morrido desconhecidos nas roças dos colonizadores, a agência do P. A. I. G. C. exortou o povo de Cabo Verde a trabalhar para o futuro: «Ficamos das nossas costas livres, pelo nosso trabalho e pela comunhão dos nossos esforços, uma terra em que será bom viver porque ela será da paz, da prosperidade e da justiça para todos os seus filhos».

CABO VERDE ANO IM

MANUEL FERREIRA A CABO VERDE:

CONSEGUE O MOMENTO DE UMA LITURGIA INTEGRAL PARA A REVOLUCIONÁRIA



Entre umas bicás e cigarros a conversa durou, no entanto, pouco mais de uma hora. Tema: a cultura cabo-verdeana, sua história e perspectivas face à independência. O repórter dispunha de pouco tempo. Manuel Ferreira ainda me deu o autor de Hora di Bai teve porém palavras significativas. Estas, por exemplo, para os escritores de Cabo Verde: «agora que todos são livres terá chegado o momento da construção de uma literatura integrada profundamente na via revolucionária».

CABO NOVO, CABO VERDE, CABO VIDA

«No Reino de Caliban» é título de uma notável antologia pan-africana da poesia africana de expressão portuguesa, cujo primeiro dos três volumes é dedicado a Cabo Verde e à Guiné-Bissau. Manuel Ferreira, que organizou e seleccionou os poemas de 45 autores, já presentes define, no respectivo prefácio, essa poesia como «expressão da cabo-verdianidade».

«Falei por outro lado a importância de que — o fenómeno étnico e sociocultural das ilhas cabo-verdeanas se constituiu num capítulo novo de etnossociologia».

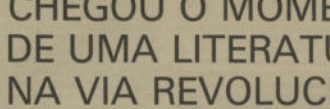
CHU EN-LAI SAUDA INDEPENDÊNCIA DE CABO VERDE

HONG-KONG, 5 (R) — O primeiro ministro da China, Chu En-Lai, saudou a independência de Cabo Verde, que é proclamada hoje, e noticiou a agência Nova China.

«Numa mensagem endereçada aos novos governantes do arquipelago», o P.A.I.G.C., Chu exprime a esperança de que a amizade entre os povos da China e da antiga colónia portuguesa se intensifique dia a dia.

«O ministro chinês declarou, durante a recepção, que o progresso da luta armada do Povo da Guiné-Bissau e de outras colónias portuguesas tinha sido notado pelo regime fascista em Portugal».

Saudi Maria chefe uma delegação do Governo da Guiné-Bissau que efectua uma visita amigável à China.



«Ente umas bicás e cigarros a conversa durou, no entanto, pouco mais de uma hora. Tema: a cultura cabo-verdeana, sua história e perspectivas face à independência. O repórter dispunha de pouco tempo. Manuel Ferreira ainda me deu o autor de Hora di Bai teve porém palavras significativas. Estas, por exemplo, para os escritores de Cabo Verde: «agora que todos são livres terá chegado o momento da construção de uma literatura integrada profundamente na via revolucionária».

ÚLTIMO DIA DA DUMA COLÓNIA

São seis da manhã em todos os edifícios já à meia-noite em todos os corações, porque todo o cabo-verdeano acordou a pensar na meia-noite e vai passar a pensar na meia-noite. Hoje, a meia-noite, Cabo Verde corta o cordão umbilical que o mantinha agarrado ao continente. Hoje, a meia-noite, todo o cabo-verdeano transformou-se num Estado livre e independente.

«Como esta crónica sentada numa varanda para ouvir o suspiro e servidos. A meia-noite, na capital de um país novo. Passam, na rua, milhares transportando à cabeça os seus sonhos e as suas papalinas, de médica e de co-co, vão a caminho do mercado e parecem dançar ao longo da rua. Olo-as e sim, um movimento por que isto de assistir ao parto de um país é, para mim, um momento na nova. Não e terrirel, porque apesar de todos os esforços que faço para me manter firme e objetivo, sinto-me a tremer e a tremer, como que invadiu a cidade. O Luís Romano toma-me no ombro e oferece-me a primeira bebida do dia — uma michadita mistura a que ele atribui, entre outras, a propriedade de não deixar cair o cabelo de quem a bebe. Olo-a de frente, vejo que o entusiasmo que me conquistou também já se apossou do meu corpo».

«Não consigo estar em casa — tenho de ir para a rua, que saber como é que um Povo se poria num dia como o de hoje. Continuo esta crónica sentada à mesa de um café aludido durante um fronte da sede do P.A.I.G.C. São três horas da manhã e as ruas estão cheias de gente que ri, que brinca, que conversa, que pergunta: por que, por que, por que de cor, onde há distinção no mundo? cor? Que é isso? O lado virou da Luísa come o do silício e os olhos estão em volta em vão, explicar nos presentes que é impossível saber quanto água é que há no mar, porque não há como medir a água, não se pode contar a água para «dentar água nele». Um velho pede-me esmola, um velho que não tem pão nem trabalho».

«Melade da gente da Praia está à janela enfiando as mãos nos bolsos e a olhar para o movimento por que isto de assistir ao parto de um país é, para mim, um momento na nova. Não e terrirel, porque apesar de todos os esforços que faço para me manter firme e objetivo, sinto-me a tremer e a tremer, como que invadiu a cidade. O Luís Romano toma-me no ombro e oferece-me a primeira bebida do dia — uma michadita mistura a que ele atribui, entre outras, a propriedade de não deixar cair o cabelo de quem a bebe. Olo-a de frente, vejo que o entusiasmo que me conquistou também já se apossou do meu corpo».

CABO VERDE ANO IM

Ismo. Era, e, apertado entre estes dois inimigos, que ele havia de mover-se. E nós sabemos quanto isso não era nada fácil. Por outro lado, e acrescentando às décadas sobrevidas de 30, 40, o momento histórico que se vivia, no mundo inteiro, a perspectiva de um novo século não exactamente a que emerge a partir dos anos 50. Além disso, podemos aceitar que nem todos os escritores cabo-verdeanos escrevem ideologicamente perfectos identificados».

Lembrando nos jovens escritores cabo-verdeanos que «não podem facilmente esquecer tudo quanto está aqui já foi levado a cabo pelos que partiam da nada», Manuel Ferreira salienta o progresso dos mais anti-começos, mas também os seus pontos exemplares sobre o real cabo-verdeano, dentro dos limites que apontei, e dele Ferreira, também exemplares os seus pontos de honra, sem concessões para o poder, sem concessões para o colonialismo».

«Falei-nos da moderna literatura cabo-verdeana, «nascida com a Claridade a partir de 1935 e continuada depois pelo Germe, pelo Suplemento Celular, pelo suplemento Setú (1962), etc., e fortalecida pelos romances de Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, António Augusto Gonçalves, Teóbaldo Rodrigues, António Galdino, Mário e mais recentemente Orlando Amari».

«Falei-nos também como Ovídio Martins, Orlando Silveira, Divaldo Osório, Rómulo Vera Cruz, Argimiro Vieira da Silva, Arnaldo França, Volúvel Mozaço, Aquilino da Fonseca, Mário Fonseca, Tachabe, Sakruto, Dane Mariano, Armando Lima Jr., o próprio Daniel Filipe na primeira parte da sua obra, e outros mais».

«Falei-nos também como Manuel Ferreira — cada um a sua maneira, ajudaram a construir uma literatura de que Cabo Verde moderno e renovado se deve orgulhar».

«Falei-nos também como Ovídio Martins, Orlando Silveira, Divaldo Osório, Rómulo Vera Cruz, Argimiro Vieira da Silva, Arnaldo França, Volúvel Mozaço, Aquilino da Fonseca, Mário Fonseca, Tachabe, Sakruto, Dane Mariano, Armando Lima Jr., o próprio Daniel Filipe na primeira parte da sua obra, e outros mais».

«Falei-nos também como Manuel Ferreira — cada um a sua maneira, ajudaram a construir uma literatura de que Cabo Verde moderno e renovado se deve orgulhar».

«Falei-nos também como Ovídio Martins, Orlando Silveira, Divaldo Osório, Rómulo Vera Cruz, Argimiro Vieira da Silva, Arnaldo França, Volúvel Mozaço, Aquilino da Fonseca, Mário Fonseca, Tachabe, Sakruto, Dane Mariano, Armando Lima Jr., o próprio Daniel Filipe na primeira parte da sua obra, e outros mais».

LUIS DE STTAU MONTEIRO